



# Universidade Estadual de Londrina

---

LUCÉLIA RODRIGUES OLIVEIRA

REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS ROMANCES *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO DE  
AZEVEDO E *A CARNE* DE JÚLIO RIBEIRO.

---

LONDRINA  
2008

LUCÉLIA RODRIGUES OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS ROMANCES *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO DE  
AZEVEDO E *A CARNE* DE JÚLIO RIBEIRO**

Projeto de conclusão de curso apresentado na Universidade Estadual de Londrina, de acordo com o programa de História Social, vinculado a Linha de Pesquisa de cultura, religiosidades, e representações.

Orientador: Professora. Doutora. Célia Regina da Silveira

**LONDRINA**

**2008**

LUCÉLIA RODRIGUES OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS ROMANCES *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO E *A CARNE* DE JÚLIO RIBEIRO**

Projeto de conclusão de curso apresentado na Universidade Estadual de Londrina, de acordo com o programa de História Social, vinculado a Linha de Pesquisa de cultura, religiosidades, e representações.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Professora. Doutora. Célia Regina da Silveira

---

Professor. Doutor. Jozimar Paes de Almeida

---

Professora. Doutora. Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez

Londrina \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora professora Célia, por me ajudar neste meu primeiro exercício de escrita, agradeço a paciência, a compreensão e as palavras sempre valiosas.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a representação feminina nos romances *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo e *A Carne* de Júlio Ribeiro, representativos do naturalismo brasileiro de fins de século XIX. Tendo por base a perspectiva da história cultural, busca-se, compreender, como ambos os autores narram suas personagens femininas e, conseqüentemente, valores e sentidos integrantes na sociedade finsecular. As construções literárias de Azevedo e Ribeiro estabelecem a seu modo um instigante diálogo com a história brasileira.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira, Mulheres, Representação, História Cultural, Naturalismo.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to analyse the feminine representation in the novels *O CORTIÇO* by Aluísio de Azevedo and *A CARNE* by Júlio Ribeiro, representative of the Brazilian naturalism of the end of the 19th century. Taking as a base the perspective of the cultural history, it is sought to understand how both authors narrate the feminine and, consequently, the values and integral senses in the fin-de-siècle society. The literary constructions of Azevedo and Ribeiro establish, in this way, a stimulating dialog with Brazilian history.

**KEYWORDS:** Brazilian literature, Women, Representation, Cultural History, Naturalism.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
APRESENTAÇÃO.....	8
CÁPITULO 1- Rita Baiana e Bertoleza: para uma representação do universo feminino nas camadas populares urbanas.....	19
1.1- Cenário e Origem: O Cortiço e sua paisagem coletiva.....	20
1.2- Rita Baiana, Bertoleza e as dimensões de um trabalho cotidiano.....	24
CÁPITULO 2- Lenita e o universo das mulheres de classe.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
FONTES.....	41
REFERÊNCIAS.....	41

## APRESENTAÇÃO

Nas últimas décadas do século XIX, como consequência do espírito racionalista que se disseminava pelo mundo ocidental e dos investimentos da burguesia no campo da ciência e da tecnologia, surgiam novas concepções a respeito do homem, da vida em sociedade, das relações de trabalho, da psicologia, etc. Sistematizavam-se estudos da biologia, da psicologia e da sociologia que punham em cheque a cultura impregnada de idealismo e religiosidade cristã, até então dominante.<sup>1</sup>

É no cerne desta gama de acontecimentos, que se insere o movimento literário do Naturalismo, observando, documentando; enfim, dissecando a realidade sob uma ótica rigorosamente científica, fazendo-a emergir em retratos de uma crueza inaudita, nos romances de Aluísio de Azevedo, de Adolfo Caminha, de Júlio Ribeiro entre outros. Movidos por uma “sede de objetividade”, por um interesse em descrever a sociedade brasileira sem idealizações românticas, como teriam feito Flaubert e Zola (e, antes deles, Balzac) com a sociedade francesa e Eça de Queirós com a portuguesa. O escritor como testemunha de seu tempo, disposto a agredir o *status quo*, se preciso, para levar ao leitor “a verdade nua e crua”, proporcionando-lhe, assim, um mergulho na realidade; como afirmou Zola em prefácio ao seu *Thérese Raquin*: “O meu objetivo foi antes de tudo um objetivo científico”.<sup>2</sup>

A sexualidade, também é um tema constante nos romances naturalistas. No cortiço de Azevedo, na corveta de Caminha, na fazenda de Ribeiro, veremos personagens guiados pelas “pressões do meio”; mas, sobretudo pelos instintos, pela fisiologia, “arrastadas a cada ato pela fatalidade da própria carne”, diria Zola,<sup>3</sup> mestre de todos estes autores. Com o

---

<sup>1</sup>SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1965, p.13-17.

<sup>2</sup> Apud BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 32 Ed. São Paulo: Cultrix, 1993, p.169.

<sup>3</sup>Emile Zola pode ser considerado o maior nome do naturalismo, não por ser o primeiro, já que, de início, autores como Flaubert, e os irmãos Goncourt, tiveram atuação significativa dentro da escola naturalista. O que distingue o autor neste conjunto é o planejamento de uma obra extensa, o desejo de apresentar ao público, já cansado da

álibi do interesse científico surpreenderemos sinhás sedentas de sexo, escravos que copulam como bestas, marinheiros entregues à pederastia. Com efeito, nunca terá a literatura se interessado, amado, reverenciado tanto as ciências naturais como no período naturalista, onde as teorias de Darwin ganhavam de forma significativa o espaço do misticismo religioso, aproximando assuntos da fauna e da flora<sup>4</sup>. Assim os romances do período naturalista, ainda que passem a inspirar com o tempo, desprezo ou escárnio em vista de um determinismo um tanto exagerado<sup>5</sup> fornecerá, tanto por meio de suas virtudes ou defeitos, a busca por retratos fidedignos dos costumes e das idéias vigentes no Brasil, de fins do século XIX.

Nesta direção, os romances aqui enfocados construíram representações sobre o universo feminino da segunda metade do século XIX, pois sistematizaram o cotidiano e o (s) lugar (es) ocupado (os) pela mulher na sociedade brasileira. Num primeiro momento, trataremos de *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo. A sua narrativa realiza um recorte nas classes populares do Rio de Janeiro, em que aparecem diversos tipos sociais. E a mulher comum é um deles. No romance, o escritor configura um cortiço em sua estrutura e dinâmica internas, colocando em cena a realidade das classes populares que vivem “a margem” da sociedade da cidade do Rio de Janeiro - a massa popular residente dos cortiços: operários, cavouqueiros (trabalhadores em pedreiras), malandros, soldados, comerciantes, lavadeiras, prostitutas, pessoas de vida ordinária e de atividade incerta. E que procedem de todas as raças: brancos, negros, mulatos, cafuzos, numa multiplicidade étnica e social até então como salienta Souza, pouco retratada na literatura brasileira;

[...] os homens de letras atentaram para este universo urbano na tentativa de espreitá-lo, conhecê-lo, compreendê-lo e ordená-lo. Essa recuperação e esse procedimento ocorriam em vários autores, indo desde a escrita realista de Aluísio de Azevedo,

---

repetição da fórmula romântica, uma construção literária monumental, chocante e sólida nos seus alicerces científicos, que correspondesse aos avanços da ciência na segunda metade do século XIX. Através de sua obra, Zola buscou transformar literatura em ciência, e dizia; “Necessito de um sistema que seja totalmente novo, tirado do movimento de idéias do meu tempo... creio na ciência... é nela que está o futuro e o ponto de vista que desejo”. Apud Sodré, op. cit. p.21.

<sup>4</sup>BOSI, op.cit., p.168.

<sup>5</sup> Sobre as teorias científicas no século XIX ver: VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

passando pela fina ironia de Lima Barreto até o cronista João do Rio, que declarava explicitamente o seu encantamento e aprendizado com as ruas, até porque nelas observava e convivia com essa população.<sup>6</sup>

Estas histórias anônimas narradas por Aluísio de Azevedo (1857-1913) permitem um olhar atento sobre as potencialidades dos sujeitos que circulavam pela cidade do Rio de Janeiro em busca de sua sobrevivência cotidiana. Apresentar essa multiplicidade de experiências é um ponto significativo de sua obra, que por sua vez apresenta dois aspectos bem distintos. De um lado, os romances escritos por ele com o propósito da realização artística, como *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884), *O coruja* (1885), o próprio *Cortiço* que data de 1890. De outro, temos os romances que decorrem de sua obrigação como folhetinista. No qual o autor muitas vezes teve de sujeitar-se as exigências de um público heterogêneo, à pressa e a improvisação, onde figuram, por exemplo: *Memórias de um condenado* (mais tarde publicado com o título definitivo de *Condessa Vésper*, em 1882), *Filomena Borges* (1884), e tantos outros.

Tendo ainda escrito contos e peças de teatro, Azevedo é costumeiramente apreciado como romancista. E segundo a crítica, é no romance, que ele verdadeiramente assegura sua presença na história da literatura brasileira, seguindo de perto a técnica e o processo do Naturalismo.

Não podemos deixar de notar que dois aspectos incidem e especificam a obra do autor maranhense; o primeiro é a grande capacidade “visual” do autor, certamente relacionado com sua habilidade para o desenho (Azevedo exerceu em certa época de sua vida a atividade de caricaturista), o segundo é a sua formidável capacidade para dar vida à multidão, aglutinando os indivíduos, sem que estes percam seus traços mais peculiares, permitindo que cada um seja percebido em sua dimensão própria, e conseguindo com isso, chocar e encantar o leitor.

---

<sup>6</sup> SOUZA, Yara Lis F.S. Carvalho. Sobre o Tipo Popular. Texto mimeografado, p.10.

Dentro desta Aglutinação de “tipos” que compõem o romance *O Cortiço*, nossa atenção se volta para duas personagens específicas do romance: a mulata Rita Baiana e a negra Bertoleza. A primeira de farto cabelo crespo reluzente

[...] Toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo a mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador (p.59) <sup>7</sup>.

A segunda, escrava e amante de João Romão; “representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante”. A mulata e a negra; mulheres pobres, que permeiam o mesmo espaço e condição social (a do cortiço). É nos meandros da sensualidade de Rita Baiana e na luta diária de Bertoleza, “desenhadas” pelas mãos hábeis de Azevedo, que tentaremos visualizar as condições de vida, e as práticas cotidianas das mulheres das classes menos abastadas na cidade do Rio de Janeiro, em fins do século XIX.

Em um segundo momento de nossa análise, nosso olhar recairá sobre a personagem Lenita, do romance *A Carne* de Júlio Ribeiro. Lenita vive sem a mãe e perde o pai no desenrolar do romance, mas antes recebe de seu genitor, uma educação especial, voltada ao estudo das línguas e das ciências;

[...] Lenita teve ótimos professores de línguas e ciências; estudou o italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; fez cursos muito completos de matemáticas, de ciências físicas, e não se conservou estranha as mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo lhe parecia fechado ao seu vasto talento.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1998. As citações foram extraídas desta edição e daqui para diante serão referidas apenas com número de páginas.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo: Martin Claret, 2001. As citações foram extraídas desta edição e daqui para adiante serão referidas apenas com número de página. Este procedimento estético de Júlio Ribeiro abre-lhe a guarda para o olhar afiado da crítica. O primeiro adversário é o padre Senna Freitas que, através dos jornais, ira desfiar golpes impiedosos contra o autor de *A Carne*. BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-modernismo*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1991, p.103. Para José Veríssimo “o livro é um parto monstruoso de um cérebro artisticamente enfermo”; para Álvaro Lins, “a presença de Júlio Ribeiro na história do romance brasileiro é um equivoco”; para Lucia Miguel Pereira, “o autor só conseguiu compor um livro ridículo”, Apud FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopéia Paulista: letrados, instituições, invenção histórica 1870-1940*. São Paulo: UNESP, 2002, p.195.

O autor apesar de legar a personagem, um perfil feminino que não encontraria oponentes tanto no bojo de outras páginas literárias quanto nas ruas da São Paulo de então, já que a educação feminina estava muito longe de desfrutar de tantos e tão variados estudos ligados ao corpo e ao espírito<sup>9</sup>, lança mão do “arsenal” de ingredientes da escola naturalista e leva sua personagem “a manifestar, como toda fêmea sua natureza animal, inevitavelmente condicionada pelas leis da vida”.<sup>10</sup>

Júlio Ribeiro (1845-1890), filólogo, jornalista e gramático de valor, publicou seus dois romances, *Padre Belchior de Pontes* (1876-1877) e *A Carne* (1888), inicialmente nos jornais em que trabalhava como folhetinista. Por conta destas Publicações, recebeu críticas pelas idéias contidas no desenrolar das tramas, por abordar assuntos como: preconceito racial e social, casamento, divórcio, o amor livre.

Mas é com a personagem Lenita de *A Carne*, que Ribeiro causa incômodo na sociedade paulista do século XIX. Por conta do erotismo da trama e das cenas lúbricas, o fato de que uma personagem ímpar, diferente de todas as outras, havia surgido na literatura brasileira passou despercebido. A independência de Lenita, e sua destacada inteligência, não foram capazes de minimizar os efeitos “eróticos e exóticos” de *A Carne*.

De fato, é significativa, a forma como as críticas negativas ao romance, comprometeram de forma tão “cruel”, a imagem de Ribeiro no meio literário, como afirma Silveira:

[...] Por isso, considero que atrelar a imagem de Ribeiro exclusivamente a que foi produzida pela recepção ao citado romance - a de autor “obsceno” e, por conseguinte polemista - restringe a compreensão do seu significado no âmbito das letras paulistas da segunda metade do oitocentos. Mais importante ainda anotar é que as leituras sintéticas de *A Carne* elaboradas pela história e crítica literárias nublaram sua atuação, ou seja, fizeram com que o autor fosse visto muito mais sob o ponto de vista dessas leituras: afinal morreu apenas dois anos depois da publicação dessa obra.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Com relação à educação feminina no século XIX ver: HAHNER, June Edith. *Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940*. Florianópolis: Editora mulheres, EDUNISC, 2003.

<sup>10</sup> Ferreira, op.cit., p.196.

<sup>11</sup> Silveira, Célia Regina da. *Erudição e Ciência: as procelas de Júlio Ribeiro no Brasil oitocentista*. 2005. 240 p. Tese (Doutorado em História)- Universidade Paulista, Assis. p13.

Ao contrário do muito que já se escreveu sobre o romance de Júlio Ribeiro, lançado em 1888, sua obra pode ser considerada sim, uma representação digna, dos pareceres da sociedade de classe na São Paulo do século XIX no que tange a mulher, seus preceitos e a forma como dialoga com o mundo a sua volta. A personagem Lenita, apesar das qualidades raras que o autor lhe atribui, é acima de tudo, uma mulher da sociedade, e é nos pareceres da educação que recebe, nas leituras que realiza no correr da trama, nos pormenores do comportamento da personagem de Ribeiro, que direcionaremos nossa análise.

Rita Baiana, Bertoleza e Lenita serão analisadas em acordo com as perspectivas da história cultural, mais precisamente, através das idéias fomentadas por Roger Chartier; pensador da nova história cultural, que propõe um conceito de cultura como prática, e sugere para seu estudo as categorias de representação e apropriação.<sup>12</sup>

Representação sendo assim entendida como algo que permite ver uma coisa ausente e que, segundo Chartier, seria mais abrangente que o conceito de mentalidades,<sup>13</sup> uma vez que o ausente em si, não pode mais ser visitado. Representar é, pois, “fundamentalmente estar no lugar de, é representificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”.<sup>14</sup> Desta forma a idéia central seria a “da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”.<sup>15</sup>

Se o objetivo central do conceito de representação é trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo, o de apropriação segundo Chartier “é

---

<sup>12</sup> Chartier, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa. Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

<sup>13</sup> Para melhor compreensão do conceito de mentalidades ver as obras: REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000; VAINFAS, Ronaldo. *Micro História: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

<sup>14</sup> Para a categoria de representação, consultar além das obras de Chartier, BERIAM, Josexto. *Representaciones Coletivas y Proyecto de Modernidad*. Barcelona: Anthropus, 1990. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. CARDOSO, Ciro Flamarion, MALERBA, Jurandir, (org.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papyrus, 2000.

<sup>15</sup> CHARTIER, R. *op.cit.*, p.48.

construir uma história social das interpretações, remetidas por suas determinações fundamentais”<sup>16</sup> que são o social, o institucional e, sobretudo, o cultural.

Tendo em vista esta dinâmica de representação e apropriação, as personagens Rita Baiana, Bertoleza e Lenita, surgem como documentos de uma época, representações que relatam ou deixam transparecer os sentimentos mais íntimos que, em um determinado momento, se fizeram presentes na realidade e na imaginação dos agentes históricos responsáveis pela sua criação. Correspondem ao fator de apropriação, porque é, através destas personagens que encontraremos subsídios para uma análise histórica e social, uma análise do universo feminino brasileiro de fins do século XIX, que já não pode ser visitado, mas que é apresentado novamente através das personagens de Azevedo e Ribeiro.

Assim a proposta da nova história cultural seria a de codificar a realidade do já vivido por meio de suas representações, desejando chegar àquelas formas pelas quais a humanidade expressou-se a si mesma e o mundo.

Para Chartier, o historiador interpreta os artefatos, objetos históricos da análise, num campo onde se cruzam duas linhas: uma vertical ou diacrônica, pela qual o historiador estabelece a relação de um texto ou de um sistema de pensamento com manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural; a outra é horizontal ou sincrônica, e através dela determina a relação do objeto cultural com o que vai surgindo noutros aspectos de uma cultura.<sup>17</sup> Chartier tem uma posição muito clara e comunga, de fato, com a maneira de fazer história apresentada pela Escola dos Annales;

[...] desembaraçando-se das etiquetas que pretendendo identificar os pensamentos antigos, os marcaram na realidade, a tarefa dos historiadores do movimento intelectual (como Febvre) é acima de tudo reencontrar a originalidade irreduzível a qualquer definição à priori de cada sistema de pensamento na sua complexidade e nas suas mudanças.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Idem p.26.

<sup>17</sup> Idem p.33.

<sup>18</sup> Idem p.57.

A dicotomia esquemática proposta pelos historiadores românticos, não tem lugar dentro deste novo conceito de fazer história, assim como qualquer outro exemplo de oposição rígida torna-se inadequado, em face desta concepção dos historiadores dos Annales; concepção esta que coloca o historiador diante dos artefatos históricos.

Assumir esta postura, segundo Rusen, implica admitir que não ha um único processo compreensivo da história, além de admitir critérios como o da ficcionalidade e do relativismo para a recuperação do passado.<sup>19</sup>

A alternativa proposta se encaminha, por assim dizer, no sentido, tanto de reconstruir uma nova totalidade quanto de encontrar novas vias teórico-metodológicas para realizar a análise histórica.

Nessa perspectiva o texto literário, mais precisamente os romances aqui abordados, na confluência história e literatura, possibilitam uma maior flexibilidade para se pensar a história e os vários elementos que compõem sua (re) construção, pois acreditamos que não exista uma única visão dos objetos em análise, mas perspectivas que podem apontar diferentes formas de representação. Desse modo, somos instigados a procurar elementos significativos para sua construção.

Neste sentido, torna-se importante destacar o fato de que a produção literária esta associada há seu tempo, refletindo em suas narrativas idéias e perspectivas de agentes sociais contemporâneos a sua criação e mesclando elementos de ficção e das possíveis realidades existentes no momento da criação literária. Dessa forma, a obra de ficção “lida com ações sonhadas com sentimentos compartilhados, com intermediação entre o real e as aspirações coletivas”.<sup>20</sup> A obra literária constitui-se assim, parte do mundo, das criações humanas e transforma-se em relato de um determinado contexto histórico-social. Por isso,

---

<sup>19</sup> RUSEN, Jorn. “La História Entre Modernidad y Postmodernidad”, in GALLEGU, José Andres (org). *New History, Novele Histoire; Hacia una nueva historia*. Madrid: Actas, 1993, p.119-137.

<sup>20</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Fronteiras da Ficção: diálogos da história com a literatura”. In: *Histórias e Fronteiras*. Anais do XX Simpósio da ANPUH. Florianópolis: São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999, p.819-820.

“qualquer obra literária é evidencia histórica objetivamente determinada situada no processo histórico”.<sup>21</sup>

Para Sevcenko, o estudo da literatura traz consigo nova possibilidade de análise do passado, por meio da fala dos não ajustados socialmente, a narrativa literária cria a possibilidade do “vir a acontecer”, dos sonhos que revelam outro cotidiano que não apenas o dos vencedores faz alusão a sujeitos que reelaboram sua prática social e os transforma em realizadores de sua própria história, permitindo finalmente o conhecimento de uma realidade que não apenas a sacralizada pela história dos vencedores.<sup>22</sup>

A literatura seja em romances, contos ou crônicas, atua no campo do imaginário social cuja manifestação se dá por meio de imagens e discursos, resultado do permanente campo de tensão entre os grupos, e neste embate os sujeitos conferem sentido e explicação ao mundo.

Chartier afirma que as representações não são menos reais que as ações concretas, mas é a própria realidade, pois a ação não existe antes de ser pensada, imaginada na realidade dos sujeitos que as concebem e a ameam.<sup>23</sup>

A literatura pertence ao campo das representações e cabe ao historiador “reinterpretar” o encontro entre os mundos dos textos e dos leitores, e como os leitores incorporam e se apropriam de diferentes formas dos textos em momentos históricos distintos.

[...] Os leitores, com efeito, não se confrontam com textos abstratos, separados da materialidade: manejam objetos cujas organizações comandam a leitura, sua apreensão e compreensão partindo do texto lido.<sup>24</sup>

Para além desta questão é importante lembrar que a produção literária não é construída com vistas a um fim pré-determinado pelo autor, cuja escrita supõe esquemas antecipados de interpretação pelo leitor. Ao contrário, somente o leitor poderá conceder a

---

<sup>21</sup> CHALHOUB, Sidney; Pereira, Leonardo Lima. A história Contada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.7

<sup>22</sup> SEVCENKO, Nicolau. Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 2003, p.26.

<sup>23</sup> CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. In: Revista Estudos Avançados, São Paulo: V. 11, n. 5, p. 173-191, jan /abril. 1991.

<sup>24</sup> Ibid., p.178.

produção literária um sentido e um fim. No entanto é perceptível na relação leitor e texto de acordo com De Decca, um fato estético:

[...] Em que o leitor existe além do texto, mas ao mesmo tempo traduz o próprio texto em sua existência cotidiana e em suas ações. Isto é, o leitor transfere o fato estético para o universo da historicidade, uma vez que ele como sujeito da ação, pode imprimir forças às imagens literárias traduzindo-as no sentido de sua própria vida.<sup>25</sup>

Sendo assim, a obra literária amplia as possibilidades de uma abordagem histórica. Ao historiador não cabe ter como preocupação central a análise crítica direcionada a sua forma de construção literária, mas a lógica singular da narrativa literária, que se encontra fundada no momento de produção. Com isso o que mais importa para o historiador no texto literário:

[...] Não é (o seu) caráter manifestamente ficcional ou não determinado como testemunho histórico, mas a necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada testemunho. Assim, por exemplo, Cabe ao historiador descobrir com igual afincamento tanto as condições de produção de uma página de um livro de atas, ou de um depoimento criminal, quanto os de um conto, de uma crônica e de uma peça literária. Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este apresenta para si mesmo a relação entre aquilo que diz do real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações do autor, enfim é preciso buscar a lógica social do texto.<sup>26</sup>

Desta forma, é possível perceber que as narrativas literárias têm como característica a semelhança e as possibilidades de acontecimento do momento de sua produção. Assim, cria-se a possibilidade de pensar a literatura não como cópia da realidade, mas como possibilidade de acontecimento, as quais estão intimamente ligadas com os sentimentos e a imaginação de quem faz parte do momento de sua confecção, portanto, a criação literária não é cópia do momento de sua realização, mas tudo que é escrito torna-se, em certa medida, verossímil, ou seja, passível de acontecimento. Dessa maneira, a literatura torna-se um importante campo de reconstrução da história. Com a produção literária o campo de pesquisa e de conhecimento histórico é alargado.

---

<sup>25</sup> DE DECCA, Edgard. Literatura, Modernidade e História: o olhar do estrangeiro sobre o mundo colonial. In: LUNHARDDT, Jaques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). Discurso Histórico e Narrativa Literária. Campinas: UNICAMP. 1988, p.70.

<sup>26</sup> CHALHOUB; Pereira, op.cit. p.18.

Assim, em nossa análise, lançamos um olhar atento para o mundo e o cotidiano de Rita Baiana, Bertoleza e Lenita. Personagens que trazem a tona o universo feminino do século XIX e que, antes de tudo, foram construídas e elaboradas de acordo com as perspectivas de Aluísio de Azevedo e de Júlio Ribeiro, e que daqui para diante, nos propomos a investigar.

No 1º capítulo, serão abordados os aspectos que definem e estruturam as habitações coletivas da cidade do Rio de Janeiro em meados do século XIX, assim como o cotidiano de trabalho de suas moradoras. Para fins de reflexão, atentaremos para os diálogos e as ações das personagens Rita Baiana e Bertoleza, no desenrolar do romance *O Cortiço*.

No 2º capítulo, nossa atenção se volta para a personagem Lenita do romance *A Carne*, mais precisamente para suas práticas de leitura, a fim de compreender os valores pertinentes a educação feminina da época. Lembrando que o cenário de nossa análise passa a ser a cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX.

**1- RITA BAIANA E BERTOLEZA, PARA UMA REPRESENTAÇÃO  
DO UNIVERSO FEMININO NAS CAMADAS POPULARES URBANAS.**

## 1.1- CENÁRIO E ORIGEM: O CORTIÇO E SUA PAISAGEM COLETIVA

O rumor crescia, condensava-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já não se destacavam-se vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouvian-se gargalhadas e pragas; já se não falava gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra. Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas fazendo compras.  
Aluísio de Azevedo. O Cortiço.

O romance *O Cortiço* representa uma conquista para a literatura brasileira, pois de forma inédita e magistral, Aluísio de Azevedo deu vida e corpo a um agrupamento humano. Inúmeros tipos sociais, quase todos representantes de uma população marginal, desfilam nas páginas do romance. O ambiente degradado e corrupto onde vivem é o cortiço, cujo dono é o português João Romão; também proprietário da pedreira onde trabalham, e da venda onde se endividam ao comprar fiado.

Este panorama da vida e do funcionamento do cortiço, elaborado por Azevedo, na verdade até mesmo o próprio cortiço, é representativo de uma série de transformações importantes, que acometiam a cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Transformações estas, que refletiam significativamente no setor habitacional, afetando diretamente as populações de baixa renda:

[...] Não obstante as casinhas do cortiço, á proporção que se atamancavam, enchian-se logo sem mesmo dar tempo a que as tinas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. O Miranda rebentava de raiva.  
O que aliais não impediu que as casinhas continuassem a surgir uma após a outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali a fora, desde a venda até quase o morro, e depois dobrassem para o lado do Miranda e avançassem sobre o quintal deste, que parecia ameaçado por aquela serpente de pedra e cal (p.28).

Em parte a mudança urbana, adveio do declínio da produção cafeeira na província do Rio de Janeiro e da abolição da escravatura, as quais deram lugar ao afluxo migratório em grande escala para a cidade do Rio de Janeiro, de mão-de-obra proveniente de áreas em decadência; o que coincidiu com o significativo contingente de estrangeiros que

entravam pelo porto do Rio de Janeiro. Em decorrência deste processo, tem-se um acentuado crescimento populacional, passando a população da cidade de 235.831 habitantes, em 1879, para 522.651 habitantes em 1890, alcançando 811.443 habitantes em 1906.<sup>27</sup> Este crescimento da população determinou um aumento da demanda por habitação, dentro do espaço urbano que se transformava.

A forte pressão em torno da demanda e a baixa disponibilidade por parte da oferta de moradias, dariam lugar a um desequilíbrio do setor habitacional, afetando de forma considerável as classes mais pobres. A grande maioria dessa população,

[...] buscava as freguesias centrais da cidade, devido à proximidade do porto e das importantes casas comerciais; o que provocava um adensamento populacional. Ali também se estabeleciam as atividades artesanais, manufatureiras, o comércio e mais tarde, a maioria das indústrias<sup>28</sup>.

Nestas áreas centrais, essas populações de baixa renda ocupavam habitações coletivas, moradias que, na maioria das vezes, se compunham de dois pavimentos, construídas em torno de um pequeno pátio, onde as inquilinas geralmente trabalhavam como lavadeiras.

[...] Assim casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão a parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar. Graças a abundância de água que lá havia, como nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; advinham lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe! E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los. E aquilo foi se constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta encharcada e fumegante (p.29).

As condições sanitárias nos cortiços eram comparativamente inferiores às habitações coletivas mais novas e também mais raras, como as casas de pensão e estalagens, onde as unidades familiares tinham instalações sanitárias e cozinha individual.<sup>29</sup> Esta sucessão de acontecimentos é relatada por Sevchenko da seguinte forma:

---

<sup>27</sup> SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 136-139. É importante ressaltar, que os dados dos censos apresentados aqui, são referentes aos anos de 1890 e 1906. Constam como “fonte de segunda mão”, já que os mesmos foram colhidos em obras citadas nessa pesquisa.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p.146.

<sup>29</sup> GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 43-52.

[...] como é fácil perceber, a oferta abundante de mão de obra excedia largamente a demanda do mercado, aviltando os salários e operando com uma elevada taxa de desemprego crônico. Carência de moradias, alojamentos e falta de condições sanitárias, moléstias (alto índice de mortalidade), carestia, fome, baixos salários, desemprego, miséria; eis os frutos mais acres desse crescimento fabuloso e que cabia a parte maior e mais humilde da população provar.<sup>30</sup>

Luiz Edmundo em sua obra “O Rio de Janeiro do Meu Tempo”, reforça a questão da insalubridade e da precária forma de vida dentro do cortiço ao descrevê-lo como:

[...] Sujo, miserável, com a tosca linha de casinholas sem luz, sem ar, sem conforto, lembrando minúsculos oratórios com seu agressivo cheiro de sabão e sua murrinha estonteante de suor. Ai centenas de infelizes apodrece as pilhas, aos montões numa promiscuidade criminoso.<sup>31</sup>

E segue apontando sua população como:

[...] gente de várias raças e de todas as cores: pretas crioulas de saias rodadas e cachimbos de barro, pendurados de enormes bocas, portuguesas sobrancehudas e vermelhas de braços grossos e de peitaria forte, mulatinhas Flébeis, de ar andrógino e ademanos sentimentais, italianos, espanhóis, alemães, sírios, chins.<sup>32</sup>

É interessante notar que, os autores citados, se ocupam apenas em tratar da questão da desordem e insalubridade do cortiço; deixando de salientar assim a questão do caráter comunitário que a vida no cortiço proporcionava. Neste espaço social, além da presença obrigatória da taverna ou do armazém, que oferecia crédito aos moradores como uma forma de obrigá-los a ali permanecer, impedindo-os de se mudar, e o narrador onisciente diz,

[...] Já não era uma simples taverna, era um bazar em que se encontrava de tudo, objetos de armarinho, ferragens, porcelanas, utensílios de escritório, roupa de riscado para os trabalhadores, fazenda para roupa de mulher, chapéus de palha próprios para o serviço ao sol, perfumarias baratas, pentes de chifre, lenços com versos de amor, anéis e brincos de metal ordinário. E toda gentilha daquelas redondezas ia cair lá, ou então ali ao lado na casa de pasto, onde os operários das fábricas e os trabalhadores da pedreira se reuniam depois do serviço e ficavam bebendo e conversando até as dez horas da noite, entre o excesso do fumo dos cachimbos, do peixe frito em azeite e dos lampiões de querosene. Era João Romão quem lhes fornecia tudo, tudo até dinheiro adiantado, quando algum precisava. Por ali não se encontrava jornaleiro cujo ordenado não fosse parar nas mãos do velhaco. E sobre este cobre, quase sempre emprestado aos tostões, cobrava juros de oito por cento ao mês, um pouco mais do que levava os que garantiam a dívida com penhores de ouro e prata (p.27-28).

<sup>30</sup> SEVCENKO, Nicolau. Literatura Como Missão: Tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 2003, p 73-74.

<sup>31</sup> Apud SOIHET. Condição Feminina e Formas de Violência. p.141.1989.

<sup>32</sup> Idem p.142.

existiam outros serviços que reforçavam a autoconfiança do pobre, e capacitavam os maiores cortiços a se tornarem entidades auto-suficientes.

[...] Na parte de trás, podia ser encontrada uma área de oficinas de alfaiates, sapateiros, marceneiros, carpinteiros, latoeiros, bem como um restaurante. Os moradores habilidosos tinham assim, alojamentos baratos para exercerem seu ofício, talvez evitando as obrigatórias licenças urbanas, enquanto que os outros moradores podiam recorrer a alguém conhecido para os necessários serviços.<sup>33</sup>

Essa realidade comum das habitações populares do Rio de Janeiro, bem como sua organização interna, principalmente o fator de convivência mútua e solidariedade, estão representados na obra de Azevedo, mais precisamente na gama de “tipos populares”, que se misturam e demonstram a cada momento, o quanto estão envolvidos pelo espaço do cortiço. São muitos os personagens que compõem a trama, e que agem sob a pecha da vadiagem, da loucura, da cobiça, da ambição e principalmente da sensualidade. Este, um aspecto que particularmente, define a obra.

---

<sup>33</sup> GRAHAM, op.cit., p. 364-365.

## 1.2- RITA BAIANA, BERTOLEZA E AS DIMENSOES DE UM TRABALHO COTIDIANO.

Os pobres não elegiam as características de sua existência; a pobreza impunha ou exagerava os problemas que enfrentavam. Mas, em sua maneira própria de lidar com esses problemas, construíam um repertório de significados e maneiras de agir que muitas vezes diferia do dos mais ricos.

Sandra L. Graham.

Dentro do quadro de vivência e prática cotidianas, as personagens de Azevedo constituem representações do universo feminino das classes menos abastadas da cidade do Rio de Janeiro no século XIX. São muitos os aspectos que possibilitam uma abordagem e conhecimento deste universo, mas para este estudo privilegiaremos as questões ligadas ao trabalho, de fundamental importância para tais mulheres. Que apesar de seus poucos ganhos, já que exerciam atividades menos remuneradas e consideradas de pouco valor, mantinha papel relevante na economia familiar e garantiam sua subsistência.

[...] Bertoleza mourejava a valer, mas de cara alegre; as quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinjal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora, fazia sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços e à noite passava-se para a porta da venda, e defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa de seu homem (p.14 -15).

Esta rotina de trabalho de Bertoleza assim como a de Rita Baiana, nos leva a refletir de forma significativa, sobre o cotidiano da grande maioria das mulheres das classes populares do Rio de Janeiro no século XIX. Consideradas enquanto grupo, estas mulheres pertenciam à classe dos trabalhadores pobres urbanos, junto com carregadores, mascastes e vendedores do mercado, enfim todos aqueles que empregavam de forma intermitente sua força de trabalho. Por outro lado, os trabalhadores pobres distinguiam a si mesmos e eram vistos pelos outros como diferentes dos mendigos, dos vagabundos, das prostitutas, das

peessoas doentes e rejeitadas<sup>34</sup>. O fato de exercer uma atividade e prover o seu sustento conferia lugar modesto, mas de certa forma identificável e respeitável no meio em que se inseriam.

[...] Nas entrevistas apresentava-se ela agora sempre um pouco depois da hora marcada e sua primeira frase era para dizer que tinha pressa e que não podia demorar-se.

-estou apertada de serviço! Acrescentava a réplica do amante. Uma roupa de uma família que embarca amanhã para o norte! Tem de ficar pronta esta noite, já ontem fiz serão!

-Agora estás sempre apertada de serviço!

Resmungava o Firmo.

-É que preciso puxar por ele, filho! Ponha-me eu a dormir e quero ver do que como, e com que pago a casa. Não há de ser com o que levo daqui!

-Ora essa! Tens coragem de dizer que não te dou nada? E quem foi que te deu este vestido que tens no corpo?!

-Não disse que nunca me deste nada, mas com o que você me dá, não pago a casa, e não ponho a panela no fogo! Também não estou pedindo coisa alguma! Oh! (p.189).

Segundo o censo de 1890, a população total da cidade do Rio de Janeiro abarcava 522.651 habitantes dos quais 293.657 homens e 228.994 mulheres.<sup>35</sup> A grande maioria destas mulheres trabalhava e muito nas atividades tradicionalmente “femininas”. O pagamento por tarefa permanecia o modelo quase que exclusivo para a grande parte dessas mulheres. Vivessem elas nos cortiços lotados e úmidos do centro da cidade, ou nos subúrbios distantes e secos, ou ainda, nas favelas que cada vez mais escalavam os morros do Rio de Janeiro.

umas se empregavam como lavadeiras ou serviam como domésticas, nas casas de família das classes média e alta, e outras trabalhavam como vendedoras nas ruas. Algumas se ocupavam como costureiras em casa, muitas foram absorvidas na indústria que então se iniciava. Aquelas que viviam nas áreas rurais circunvizinhas dedicavam-se à lavoura.<sup>36</sup>

As mulheres negras continuavam a assumir categorias de trabalho pouco consideradas, além de suportar tratamentos desumanos. Conquanto o final da escravatura no

---

<sup>34</sup> Idem p.366.

<sup>35</sup> SOIHET, op. cit., p.286.

<sup>36</sup> Idem p.284.

Brasil, em 1888, supostamente propusesse a substituição do serviço não remunerado pelo trabalho assalariado, as condições e as modalidades de trabalho para as mulheres negras das áreas urbanas permaneciam basicamente inalterados. Mesmo nos períodos de escravidão, poucos escravos libertos experimentaram uma mudança marcante nas condições materiais em razão da alforria. Depois de 1888, as mulheres negras continuaram a trabalhar como domésticas, cozinheiras, babás, lavadeiras, vendedoras ambulantes e algumas vezes prostitutas.<sup>37</sup>

[...] O que custava aquele homem consentir que ela uma vez por outra, se chega-se para junto dele? Todo dono, nos momentos de bom humor afaga seu cão... Mas qual! O destino de Bertoleza fazia-se cada vez mais restrito e mais sombrio; pouco a pouco deixava de ser amante do vendeiro para ficar sendo só sua escrava. Como sempre, era a primeira a erguer-se e a última a deitar-se; de manhã escamando peixe, à noite vendendo á porta para descansar da trabalhadeira grossa das horas de sol; sempre sem domingo nem dia santo, sem tempo para cuidar de si, feia, gasta, imunda, repugnante, com o coração eternamente empenhado de desgostos que nunca viam à luz. Afinal, convencendo-se de que sem ter morrido ainda, já vivia para ninguém, nem tampouco para si (p.216).

É importante notar que, uma serie de dificuldades apresenta-se quando da contabilização do trabalho feminino. Por força da ideologia de que a função da mulher prende-se ao lar, muitas mulheres, mesmo exercendo outra atividade, ao serem inquiridas declaram apenas o exercício do serviço doméstico. Também muitas atividades femininas não constam de alguns censos, tais como lavadeira, engomadeira, artesanato, pequeno comercio, etc. Estando englobadas na categoria serviço doméstico, o qual também abrange mulheres que não exercem atividade remunerada .

De qualquer forma, á consulta as fontes estatísticas se nos afigura relevante neste processo de conhecimento do trabalho feminino das mulheres pobres. Tomando como referência os dados fornecidos pelos recenseamentos de 1890, 1906, faremos igual referência à categoria de mulheres que sabem ler e escrever, fato que consideramos relevante para avaliar o nível de participação das mesmas não só quantitativa mais qualitativamente.

---

<sup>37</sup> GRAHAM, op.cit., op.257.

No tocante à população que sabia ler e escrever, que totalizava 264.926 pessoas correspondendo a cerca de 50,68% da população do Rio de Janeiro em 1890, 61% era constituído de homens, ou seja, 165.241 e, apenas 39%, de mulheres, correspondentes a 99.685 habitantes.<sup>38</sup>

Este é um dos inúmeros aspectos em que a população feminina tem sido prejudicada, pois, à medida que o sistema cultural prescreve o casamento para a mulher como ocupação principal, apesar desta, inúmeras vezes contribuir, para o orçamento com atividades extra domésticas, o homem tem preferência na aquisição de instrução.

A persistência dessa mentalidade por longo tempo manteve a mulher obrigada ao exercício do trabalho na prática das tarefas menos qualificadas e menos valorizadas, em geral aquelas extensivas de sua própria atividade doméstica.<sup>39</sup>

Com relação ao aspecto profissional feminino, o censo de 1890 nos dá pouquíssimas informações, pois não faz menção às “atividades extensivas”, que são aquelas exercidas por grande parte das mulheres pobres. Também em grande parte das atividades apresentadas não ocorre à distinção por sexo dos elementos envolvidos, como na agricultura, na indústria e serviço doméstico.<sup>40</sup>

No entanto, podemos pensar que, apesar das escassas informações acerca das contribuições femininas, a utilização do trabalho da mulher se constituía num elemento essencial na organização social e na acumulação de riquezas, tanto do ponto de vista do trabalho doméstico como na sua participação no processo produtivo.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> SOIHET, op.cit., p.292.

<sup>39</sup> Idem p.293-294.

<sup>40</sup> HAHNER, op.cit., p.124.

<sup>41</sup> Idem p.126.

## 2 - LENITA E O UNIVERSO DAS MULHERES DE CLASSE

Ela não pode evitar sua infelicidade nem criar sua felicidade.

Cesare Lombroso.

Atribuindo à mulher um caráter confuso e contraditório, o homem descobriu surpreso, que ela era a um só tempo tímida e ameaçadora, desejável e assustadora.

Peter Gay.

O autor Júlio Ribeiro, através do romance *A Carne*, nos conta a história da jovem Lenita. Moça rica, que vive sem a mãe, e que perde o pai no desenrolar do romance, mas que antes recebe de seu progenitor, o legado de uma educação especial. Atado a viuvez precoce o doutor Lopes Matoso, ameniza sua “existência casmurra” e faz da dedicação à filha sua única finalidade na vida.

Depois de formar seu rico cabedal e se encontrar sozinha, Lenita viaja em busca do ex-tutor de seu pai, o velho coronel Barbosa, que agora cuida da velhice, da fazenda e do reumatismo da esposa. Na bagagem de Lenita o narrador destaca os objetos formadores de sua sensibilidade, chamando a atenção para aqueles que ela aprendeu a amar estando na companhia do pai, “tinha levado consigo o seu piano, alguns bibelôs curiosos e muitos livros”. Nesta lista é significativa a falta de referência a índices consagrados a vaidade feminina como, jóias, roupas e perfumes.

Ao se instalar em seu novo ambiente, a personagem inicia seu ritual de leitura. Entre as lembranças do pai, representadas nos livros em pequenos sinais como “passagem marcada a unha” e “folha dobrada” e o esforço inútil de se fazer entender pela mulher do coronel (a velha octogenária, além de entrevada, era muito surda), Lenita começa uma tensa relação com os textos que poderiam diminuir sua solidão.

[...] Tal entretenimento cansava a moça, e ela recolhia-se logo aos seus cômodos para ler, para procurar distrair-se. Tomava um livro, deixava; tomava outro, deixava; era impossível a leitura. (p.17).

Esta falta de sintonia, é o prenuncio dos distúrbios físicos que se tornarão o empecilho para que os livros recebam a mesma atenção de antes. A falta de novas leituras torna-se uma ameaça à condição de espiritual da personagem.

[...] Uma languidez crescente, um esgotamento de forças, uma prostração quase completa ia se apoderando de todo seu ser: não lia, o piano conservava-se mudo. (p.18).

Após a primeira crise de histerismo e do diagnóstico médico, o repouso irá normalizar as funções do corpo e trazer novamente o apetite pela leitura. Mas agora o narrador aponta uma novidade, Lenita não quer mais saber de leituras densas, voltadas para informações científicas. Em troca desses livros “masculinos”, Lenita agora se sente atraída por leituras mais “femininas”. Nestas estão incluídas obras como Paulo e Virginia, (Paul ET Virginie), Romance de grande sucesso, escrito no final do século XIX por Bernardin de Saint Pierre, e que narra a história de Paulo e Virginia. Dois jovens, vítimas de um naufrágio, que são criados como irmãos numa ilha do Oceano Índico. Os jovens descobrem o amor na adolescência, mas terão a morte como inimiga do desfecho amoroso. A exuberância, o exotismo, e o isolamento da ilha onde naufragaram, serviu de cenário para este amor primeiro, inocente, e trágico.<sup>42</sup>

É interessante notar que tal “receituário adocicado” passe a despertar a atenção da personagem, que havia ido muito além do acervo permitido aos olhares femininos de seu tempo.

[...] E Lenita sentia-se outra, feminizava-se. Já não tinha mais os gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência: de entre os livros que trouxera procurava

---

<sup>42</sup> Nesta obra, Bernardin de Saint Pierre, traduziu os ideais do iluminismo, defendeu uma sociedade ideal, onde a felicidade dependeria do respeito aos direitos humanos. Saint Pierre teve como base as idéias iluministas de Jean Jacques Rousseau, defendendo uma educação do homem natural longe da civilização, fundamentada no enriquecimento do seu caráter, com noções de honestidade e moralismo. CALDERÓN, Demetrio Estébanez. Dicionários de Términos Literários, [S.l.: S. N.], 2001, p 210.

os mais sentimentais. Releu Paulo e Virgínia, o livro quarto da Eneida,<sup>43</sup> o sétimo de Telêmaco<sup>44</sup>. A fome picaresca de de Lazarillo de Tormes fê-la chorar<sup>45</sup>. (p.20).

Observe que estas obras que são relidas por Lenita, não são obras de conteúdo exclusivamente romântico, mas também narram aventuras, tragédias, fazem críticas a condutas morais, enfim tratam de assuntos variados. Na verdade Lenita é quem se romantizou. A personagem de Ribeiro passa a procurar nas leituras densas e de caráter científico, algo que seja compatível com sua nova condição de mulher sensível, que tem seu modo de pensar e de agir totalmente modificado. A leitura torna-se então, um agente indicador da mudança ocorrida na conduta da personagem. Se antes ela invadira a sala de conhecimentos mais consagrados ao homem “os gostos viris”, agora ela se purga deste ato, tentando se situar no perfil de leitora de coisas amenas. Sua fome de leitura, portanto, só pode ser saciada no gabinete do romantismo.

Esse processo de mudança e, portanto de “feminização” pelo qual Lenita começa a passar e cuja leitura de romances é a mais forte indicativa, nos permite pensar nos

---

<sup>43</sup>A Eneida é um poema épico, escrito por Virgílio no século I a.C. Conta a saga de Enéias, um troiano que após ser salvo dos gregos em Tróia, viaja errante pela região que atualmente é a Itália. Seu destino era ser o ancestral de todos os deuses. O objetivo de Virgílio ao criar a Eneida, foi mostrar a grandeza incomparável de Roma e a glorificação desse império. Utilizando um fundo mitológico grego, o poeta reuniu elementos religiosos e profanos, fatos fabulosos e feitos históricos. O quarto livro da Eneida é todo consagrado ao amor entre Dido, a rainha de Cartago e Enéias. Amor este que tem por desfecho a tragédia. Vítima de uma trama ardilosa elaborada por Juno, esposa de Júpiter, o rei dos deuses - que por sinal nutria um grande ódio por Enéias – o herói se vê obrigado a voltar para sua missão de guerra. Desesperada por sentir-se abandonado por seu grande amor, Dido comete suicídio. Idem p.125-126.

<sup>44</sup> Esta passagem se refere ao poema Odisséia, escrito no século IX a.C, por Homero. O poema narra a trajetória do herói grego Ulisses, em sua longa viagem de dez anos, de volta ao seu reino Itaca. Desviado da rota inicial, Ulisses e seus companheiros vivem uma série de aventuras extraordinárias. Finalmente ao chegar a Itaca, o herói enfrenta os inúmeros pretendentes à mão de sua esposa, que todos acreditavam viúva depois de dez anos de ausência do marido. O sétimo livro de Telêmaco, é o capítulo que narra o emocionante reencontro de Ulisses com seu filho Telêmaco, o qual ele havia deixado quando ainda era um bebê, para lutar na guerra de Tróia. Idem p.148.

<sup>45</sup> La Vida de Lazarillo de Tormes é uma novela espanhola, anônima, escrita em primeira pessoa, cuja edição mais antiga data de 1554. A trama se dá de forma autobiográfica, relatando a vida de Lázaro de Tormes, desde seu nascimento, as margens de um rio em Salamanca, passando por sua infância miserável, até o dia de seu casamento, já na fase adulta. É considerada precursora da “novela picaresca”, por apresentar elementos como realismo, narração em primeira pessoa, além de uma ideologia pessimista e moralizante. A categoria mais importante na definição do romance picaresco é a da personagem, pois o protagonista desse tipo de relato é justamente um pícaro; qualificado como uma personagem de condição social humilde, sem ocupação certa, vivendo de expedientes, a maioria dos quais escusos. Anti – herói por excelência possui uma filosofia de vida um tanto particular: é materialista, desleal, e propenso a vadiagem. Entre os móveis de sua conduta estão à fome, a miséria e a vontade de ascensão social, o qual muitas vezes o leva a práticas imorais e degradantes. GAMBIER, Emma González. Dicionário de Terminologia literária. [S.l.: S.N.], 2001, p.332-338.

valores e no padrão de comportamento indicado as mulheres de classe na segunda metade do século XIX.

Neste período, as cidades brasileiras prosperavam em tamanho e em complexidade social e econômica.

[...] Durante os primeiros quinze anos após 1850, o Brasil foi decisivamente arrastado no turbilhão da economia internacional. O contínuo progresso da revolução industrial na Europa e nos Estados Unidos conduziu para maior produção de utilidades, empregando-se menor número de operários, advindo daí a necessidade da procura de novos mercados mais ativos do que nunca. Isto também influenciou no aumento da população urbana, na necessidade de matéria – prima e numa melhora salarial que permitia o consumo de itens antes considerados dispendiosos e de luxo, como o café. Um aumento do *quantum* da moeda corrente internacional estimulou o comércio mundial. A aplicação de novas técnicas no transporte marítimo e terrestre implicou em drástica redução do custo das mercadorias exportadas e importadas pelo Brasil. Em 1851, um serviço regular de navios a vapor inaugurou a linha Brasil – Inglaterra, como se fosse um sinal de estreitamento de relações entre os dois continentes.<sup>46</sup>

O comércio e a industrialização cada vez mais ativos, a comunicação e os transportes mais eficientes, assim como a disseminação de novas correntes ideológicas que chegavam principalmente da Europa, tornavam possíveis, que cidades como Rio de Janeiro e mais tarde São Paulo perdessem de forma significativa sua atmosfera colonial.

[...] Esta nova classe era inteiramente diferente à vida rural e descrente dos valores aristocráticos. A antiga importância de ser relacionado com pessoas de projeção começou a enfraquecer nas cidades e logo começaram a surgir comentários saudosistas sobre os velhos bons tempos, em contraste com o que Joaquim Nabuco, em sua autobiografia, denominou de “instintos mercenários da nossa época”. A idéia de que o *status* da pessoa deveria depender de suas habilidades começou a receber maior atenção. A expansão de uma economia de exportação criou uma nova cultura, orientada para a Europa, como pode ser notado nas mudanças da moda, nas receitas culinárias, nos novos estilos arquitetônicos e na instalação de melhoramentos públicos. O exemplo europeu foi grandemente aprovado e elogiado pelas populações urbanas. Esta população acreditava no progresso. O pensamento de Herbert Spencer servia admiravelmente para isso, pois eles o entendiam afirmando que o progresso é inevitável, que os levaria a um futuro industrial e que a ciência provaria a veracidade de ambas as afirmativas.<sup>47</sup>

Todos estes fatores de transformação, que ocorriam não somente no Brasil, mas em várias partes do mundo ocidental, veio acompanhada de uma nova ordem, ordem esta que, segundo Peter Gay emana de uma “cultura burguesa” o qual ele define como:

<sup>46</sup> GRAHAM, Richard. Grã – Bretanha e o Início da Modernização no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1973, p.32.

<sup>47</sup> Idem p.41, 243.

[...] Durante este período a cultura ocidental experimentou mudanças profundas, irreversíveis e freqüentemente traumáticas que, embora longe de serem simultâneas, ainda assim formam um padrão suficientemente coerente para permitir generalizações. Sucintamente subdivido o século XIX em duas fases distintas, e ligando as duas, destaco uma ampla faixa de mudanças culturais de longo alcance ocorridas principalmente entre as décadas de 1850 e 1890. Nessas décadas formas de namoro e ideais pedagógicos, temores relativos à masturbação e preceitos relativos a castigos corporais, perfis femininos e tendências arquitetônicas e muitos outros traços culturais sofreram transformações, às vezes imperceptíveis e às vezes tão profundas a ponto de se tornarem irreconhecíveis. O Termo “cultura”, que emprego ao modo abrangente dos antropólogos requer certa cautela. Toda realização humana que de alguma forma contribui para a experiência pode ser englobada nesta vasta rubrica: as instituições sociais, o desenvolvimento, a vida em família, as doutrinas religiosas e morais, os receios médicos, as mudanças de gosto, a estrutura das emoções, até mesmo a política. Ora, não obstante cada cultura apresentar notáveis traços dominantes e certo grau de coerência entre eles, suas amplas subdivisões evoluem com alguma independência, às vezes até isoladamente umas das outras.

Minha concepção do que seja “burguês” – um termo tão impalpável e tão elástico quanto “cultura” – surgirá claramente das personagens que colocarei em cena. Nos papéis principais encontraremos médicos, professores, comerciantes, donas de casa, poetas e pintores, políticos, um outro próspero artesão que tenha conseguido tornar-se economicamente independente e socialmente respeitável, e uma ave rara, o aristocrata de estirpe duvidosa, cuja postura é primordialmente burguesa. A experiência burguesa no século XIX foi ao mesmo tempo riquíssima, franca e misteriosa, regular e caótica.<sup>48</sup>

Em coerência com esse processo ocorre uma reformulação no âmbito da família.

[...] O homem abria mão do despotismo patriarcal, adotando uma política mais flexível de delegação de poderes e de divisão do comando familiar, garantindo tempo e energia para atuar mais diretamente sobre a esfera pública, adquirindo a mulher, anteriormente sem expressão e subjugada, um espaço próprio na esfera privada. A higienização da família com vistas ao estabelecimento da saúde física e psíquica, garantindo uma prole saudável e uma futura classe dirigente, sólida e respeitosa das leis, dos costumes, das regras e convenções, este é o objetivo. A divisão de esferas fica marcada - o homem na órbita pública e a mulher na privada.<sup>49</sup>

Tem-se assim, o surgimento da “família burguesa”, que se expressa no casal, nos filhos, na família restrita ao espaço da casa, e que concebe a si mesma como livre e com autonomia privada.<sup>50</sup> Paralelo a essa esfera, tem-se uma nova sociabilidade pública para as famílias ricas e conseqüentemente uma definição na maneira de ser da mulher.

<sup>48</sup> GAY, Peter. A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Vol.1, pg. 13-14.

<sup>49</sup> SOIHET, op.cit., p.114-115.

<sup>50</sup> Idem p.116.

De acordo com as regras emanadas da “nova ordem”, o perfil traçado para a mulher, indicava que esta a partir de então, deveria aprender a ser sociável, agradável para com os pares do seu marido, a devorar romances e novelas, a tocar piano, a ser espirituosa com “comedimento”, a livremente consumir os artigos industrializados.<sup>51</sup> Observa-se que a partir de então, era recomendado a mulher, apresentar uma preocupação com o requinte do corpo e do espírito, devendo contribuir para promoção do marido em sociedade, cabendo-lhe através de suas roupas e jóias ostentar o status familiar.<sup>52</sup>

Esta por sua vez passa a ser sociável e possuidora de “prezadas” e habilidades que a tornam aceita por todos.

[...] Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda sorte de trabalhos femininos.<sup>53</sup>

Fica claro pela descrição ser essa, a mulher preparada fundamentalmente para a vida no lar, para o qual, segundo o modelo da época, as condições de adaptabilidade eram essenciais e para o convívio social, configurava-se o casamento como a melhor alternativa para o futuro.<sup>54</sup>

É interessante notar, que tal educação dava á mulher, o instrumental necessário para o novo papel que lhe cabia dentro da ordem burguesa. Nesta, as festas privadas, os salões políticos e sociais tornaram-se constantes, criando assim, condições favoráveis aos interesses econômicos e políticos de seus participantes,

[...] A recepção adquiria a função de veículo informal na disputa pelo poder, da habilidade feminina dependia o sucesso destes eventos, tendo a mulher, desta forma, papel decisivo na elevação social do marido.<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> HAHNER, op.cit., p.69.

<sup>52</sup> Idem p.64-65.

<sup>53</sup> SOIHET, op.cit., p.118.

<sup>54</sup> HAHNER,op.cit., p.56.

<sup>55</sup> Idem p. 58.

Tem-se aí, a mulher ligada primordialmente à família e a maternidade, ou seja, a afirmação do modelo feminino. Frente a ela, as outras mulheres que não realizavam o ideal de amor matrimonial e da maternidade; as solteiras, as prostitutas e todas aquelas cuja sexualidade não é posta para gerar filhos no interior da família institucional, correspondem ao modelo da desordem.<sup>56</sup>

Vale lembrar que, eram reconhecidas como virtudes essenciais ao sexo feminino a fraqueza, a sensibilidade, a doçura, a indulgência, o recato e a submissão. Por todos esses atributos a mulher estava definitivamente destinada ao amor.

[...] O homem era o oposto exato da mulher. O vigor físico e intelectual dominavam seu perfil emocional. Este devia ser mais seco, duro, racional, autoritário, altivo. Dominado por tais qualidades ‘másculas’ e viris, era menos propenso ao amor do que as mulheres. Sua verdadeira inclinação era para o desejo do gozo puramente sensual. Assim o amor era para o homem a necessidade dos sentidos e na mulher a do coração. O elemento que possibilitava o acordo entre indivíduos com características tão dispares era o cuidado dos filhos, não mais uma obrigação, mas um ato espontâneo de amor.<sup>57</sup>

Ser pai e ser mãe passou então, a ser a finalidade última do homem e da mulher, identificando-se paternidade com masculinidade e maternidade com feminilidade, como padrão regulador da existência social e emocional de homens e mulheres.<sup>58</sup>

Se considerarmos todos estes aspectos de comportamento direcionados principalmente as mulheres de classe no século XIX, a personagem Lenita de Júlio Ribeiro, surge com toda a sua “peculiaridade”, inserida em um patamar onde a visualização destes mesmos aspectos de comportamento não se faz possível. Lenita foge as regras quando se dedica a leituras de caráter científico, quando demonstra pouco interesse na ideia de se casar e constituir família, arrancando críticas e sendo repreendida até mesmo por seu dedicado pai, Lopes Matoso.

[...] Sabes que mais? Estou quase convencido de que errei e muito na tua criação: dei-te conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é verte isolada nas alturas a que te levantei. O homem fez-se para a mulher e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade. (p.14).

---

<sup>56</sup> SOIHET, op.cit., p.110.

<sup>57</sup> Idem p.112.

<sup>58</sup> Idem p.112-113.

Na verdade este parecer questionador de Lenita nos leva a pensar na maneira como estes aspectos de comportamento e de vida em sociedade, eram compreendidos e acatados pelas mulheres da época, segundo as considerações de Peter Gay;

[...] Durante boa parte do século XIX, e em todo o mundo ocidental, as mulheres permaneceram virtualmente na condição de propriedades de seus pais e, depois, de seus maridos. O duplo padrão, definido e defendido pelos homens vigorou quase sem oposição alguma.<sup>59</sup>

Lenita em certo momento da trama questiona este padrão de comportamento, e afirma,

[...] Ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Se eu a sentisse casar-me ia. De preferência com um homem medíocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de si, porque eu que, na opinião de papai sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior. (p.14).

É importante lembrar que, estes padrões de comportamento da época e a educação destinada à mulher, prevendo ensinamentos de línguas, música, desenho, e prendas domésticas, possibilitavam à mulher “pequeno burguesa” o ingresso no mercado de trabalho.

De acordo com o senso de 1890, as atividades femininas que aparecem especificadas, correspondem ao setor religioso, magistério, e as parteiras. Os dados apontam para 7 freiras; 224 professoras públicas, das quais 218 nacionais e 6 estrangeiras, para um total de 446 professores públicos, 497 professoras particulares, enquanto o número de professores particulares era de 769; 69 diretoras de estabelecimentos de ensino para 52 diretores; 37 parteiras; das quais 14 nacionais e 23 estrangeiras.<sup>60</sup> Observa-se que, estas profissões apontadas, relacionam-se as mulheres das camadas médias.

[...] Neste momento nestas camadas, com a progressiva instauração do capitalismo, ocorre o declínio da produção dos bens no seio da família e sua aquisição no mercado, o que impulsiona as filhas solteiras a buscarem atividades externas remuneradas, reivindicando o acesso ao ensino superior que lhes possibilitasse melhores condições de profissionalização.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> GAY, op.cit., p 131.

<sup>60</sup> SOIHET, op.cit., p. 297.

<sup>61</sup> HAHNER, op.cit., p.63.

Como fica claro no recenseamento, as mulheres das camadas médias que buscavam trabalho remunerado, voltaram-se principalmente para funções como professora e parteira, consideradas próprias da sua condição feminina. Mantinham-se, pois, sob o domínio feminino, as funções ligadas à reprodução cotidiana da força de trabalho, desde o parto e o auxílio a outras mulheres, como o cuidado com as crianças etc: “O tratamento, em grande parte, seguia diretrizes dadas pelas mulheres, segundo experiência acumulada e que em numerosos casos, passava de mãe para filha”.<sup>62</sup>

Com o surgimento das primeiras escolas de medicina, iniciou-se um progressivo processo de desqualificação da parteira, que começa a desaparecer como categoria social. O médico que se apropria “da vida e da morte das pessoas, apropria-se também do corpo da mulher e do processo de geração da criança”.<sup>63</sup>

O magistério primário se constituía numa outra opção de profissionalização por parte da mulher de classe média, Peter Gay observa que;

[...] Dar aulas era naturalmente uma escolha quase predeterminada. Com a expansão estonteante das escolas primárias e secundárias por toda a parte, especialmente a partir da década de 1860, a necessidade de professores se tornou insaciável, e as mulheres estavam obviamente disponíveis. E, o que era mais importante ainda, estava dispostas a aceitar salários muitíssimos inferiores aos dos homens – uma tentação irresistível para empregadores tanto nas escolas como em qualquer outro ramo, que os levava a abandonar os preconceitos em favor dos lucros. A professora não ofendia os estereótipos criados sobre a verdadeira natureza e sobre a verdadeira missão da mulher: não era ela uma professora em sua casa, que agora apenas levava para a sala de aula o ofício que sempre exercera no quarto das crianças.<sup>64</sup>

Neste caso, vale lembrar a longa tradição no Brasil de manter o sexo feminino sem instrução. A primeira regulamentação referente à educação feminina, na qual se permitia o acesso da mulher no nível educacional fundamental, surgiu apenas em 1827. A primeira escola normal foi fundada em 1835, em Niterói.<sup>65</sup> No final do século, a profissão de educador primário era tanto masculina quanto feminina, conferindo relativo prestígio social

---

<sup>62</sup> Idem p.65.

<sup>63</sup> HAHNER, June, Edith. *A Mulher Brasileira e Suas Lutas Políticas e Sociais 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.68.

<sup>64</sup> GAY, op. cit., p.135.

<sup>65</sup> HAHNER, op. cit., p.70

para as mulheres. Mas, com o passar do tempo, a atividade foi se tornando menos atraente para o homem, o que pode ser atribuído, à baixa remuneração no mercado de trabalho.<sup>66</sup>

As profissões ligadas ao ensino superior eram de certa forma, vedadas às mulheres. O que não impedia, no entanto, que algumas se mostrassem interessadas. Estas, talvez, ainda influenciadas pelos padrões relativos à tradição de que o cuidado do corpo da mulher e da criança eram encargos femininos, optaram então, em sua maioria, pela medicina. Porém até por volta da década de 1880, qualquer jovem brasileira que buscasse uma formação médica deveria realizá-la no exterior, o que algumas fizeram. Mesmo depois que o governo brasileiro passou a permitir, a entrada de mulheres nas instituições de ensino superior do país, isto no ano de 1879, foram poucas as mulheres que puderam seguir este caminho.<sup>67</sup>

Além da barreira do “preconceito”, acerca de que a instrução de nível superior era desnecessária para a mulher, cuja natureza a direcionava primeiramente ao lar, para aquelas que o superavam, o caminho era árduo. Apenas os colégios secundários oficiais, como o Pedro II e os liceus provinciais, freqüentados unicamente pelo sexo masculino, proporcionavam o acesso às escolas superiores. As poucas moças que chegavam ao ensino secundário cursavam escolas particulares, em geral religiosas, que eram via de regra, dispendiosas e inadequadas. Necessitavam, após o término do curso, de prestarem exames em colégios oficiais a fim de obterem o diploma de bacharel, condição para assegurar o ingresso no ensino superior. Segundo os dados, apenas no século XX foi assegurado o ingresso de mulheres no ensino secundário oficial.

Por volta de 1920, ocorreu um movimento de mulheres proeminentes, literatas, vinculadas a elite, com educação superior, que reivindicavam a emancipação econômica, intelectual e política. Estas conseguiram vitórias em campos como o trabalho feminino, a saúde, educação e direitos políticos, garantindo a cidadania para as mulheres. Tal

---

<sup>66</sup> Idem p.71.

<sup>67</sup> Idem p.74.

movimento abordou, porém, apenas as mulheres das camadas médias, não alcançando aquelas das classes menos abastadas, o que se constituiria em uma de suas fraquezas.

Também não questionou a “naturalidade” do domínio doméstico para a mulher, além de sua suprema vocação para mãe de família.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> SOIHET, op.cit., p. 173.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi abordar o universo feminino de meados do século XIX no Brasil. Para tanto, utilizamos como fonte e representação, os romances Naturalistas *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo e *A Carne* de Júlio Ribeiro.

Através do trabalho cotidiano das personagens Rita Baiana e Bertoleza, procuramos conhecer o modo de sobrevivência e a maneira como as mulheres pobres que habitavam os cortiços no Rio de Janeiro no século XIX, sobreviviam e, conseqüentemente, determinavam seu lugar na sociedade. Lugar este que como foi possível observar, era assegurado através de atividades, que além da baixa remuneração, eram sempre uma extensão de trabalhos que estas mulheres exerciam em suas casas. De fato, é significativa a importância que o trabalho assume na existência destas mulheres, seja na reposição cotidiana da força de trabalho de seus companheiros e filhos, seja por meio da atividade doméstica ou através do trabalho extra doméstico, via de regra numa luta ingente para conciliar as duas esferas, por meio da dupla jornada, tão familiar à mulher pobre.

A busca cotidiana pela sobrevivência é marcada entre outros fatores, pela miséria constituída no espaço reduzido e densamente povoado, como era o dos cortiços e os de outras habitações coletivas. Nesses espaços nos deparamos com esta mulher pobre, vivenciando os efeitos e as características de uma ordem social marcada por fortes contradições, as quais ela não elegia. A despeito dessa condição social, a imagem das mulheres de *O cortiço* é demarcada pelas atitudes aguerridas, muitas vezes, uma insubordinação aos preceitos morais efetivados por meio do trabalho, o qual constituía um lugar e uma importância para as mulheres no meio social em que viviam.

John Stuart Mill contestava o conceito de “natureza Feminina” que se atribuía aos caracteres considerados peculiares à mulher para considerá-las como produto de

um determinado contexto histórico, cultural e social. Dessa forma, todas as características imputadas à mulher como natural no século XIX e dada como “científica” cai por terra, além de que, aquela se refere, via de regra a classe dominante<sup>69</sup>.

Com relação à mulher pobre, embora, de certa forma, influenciada por tais padrões, verificamos serem bastante distintos os seus atributos. Estas mulheres buscavam sua sobrevivência e neste sentido, face as suas condições de vida e comportamento, estão longe de apresentar aquelas características tidas como universalmente femininas. Morando em cortiços, lutando pela sobrevivência diária, defendendo as suas crenças e valores, apesar da carga de pressões recebida, preservam muito de sua identidade.

O comportamento e a educação tão “peculiar” da personagem Lenita de o romance *A Carne*, possibilitou-nos adentrar o universo requintado das mulheres ricas da cidade de São Paulo no século XIX. Representante de uma nova ordem econômica e social, que se disseminava pelo mundo ocidental na segunda metade do século XIX, Lenita nos permitiu também vasculhar este universo feminino, onde a vida em família e em sociedade sofria transformações significativas, cabendo a mulher a missão de manter a ordem familiar e “promover” o marido, não mais estando restrita apenas ao espaço da casa, mas freqüentando salões e festas. Para isto recebia uma educação propícia a manter o equilíbrio entre corpo e espírito, que a tornava apta para uma vida ao mesmo tempo pública e privada.

Com relação às praticas das mulheres ricas, percebemos que o questionamento, e os desvios de comportamento correspondiam apenas à personagem de Ribeiro. O caráter questionador de Lenita não transpunha a fronteira do romance. As mulheres de classe que circulavam pela as ruas da cidade de São Paulo, nos salões e nas reuniões políticas (como acompanhantes de seus maridos é claro), representavam e mantinham uma ordem social. Dentro do espaço, e do período analisado nesta pesquisa, estas mulheres ricas se

---

<sup>69</sup> Bellotti, Elena Gianini. *Educar Para a Submissão: o descondicionamento da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1979. p.47.

mostraram coniventes e dispostas a viver o modelo e o padrão feminino de seu tempo. Através das páginas desta pesquisa, visualizamos não apenas um, mas dois universos femininos, onde “Ritas, Bertolezas e Lenitas” constituíam sua existência.

## FONTES

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1998.

RIBEIRO, Julio. **A Carne**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

## REFERÊNCIAS

BERIAM, Josexto. **Representaciones Coletivas y Proyeto de Modernidad**. Barcelona: Anthropus, 1990.

BELLOTTI, Elena Gianini. **Educar Para a Submissão: o descondicionamento da mulher**. Petrópolis: Vozes, 1979, p.47.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**: Lisboa. Difel, 1989.

BROCA, Brito. **Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: vida literária do Realismo ao Pré- modernismo**. São Paulo: Unicamp, 1991.

CALDERÓN, Demétrio Estébanez. **Diccionario de términos literários**, [S.l.:S.N.],2001

CARDOSO, Ciro Flamarion, Malerba, Jurandir, (org.). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. São Paulo: Papyrus, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_.PEREIRA, Leonardo Lima. **A História Contada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Mundo Como Representação**. Estudos Avançados, São Paulo: V.11, n.5, p.173-191, jan/abril. 1991.

DE DECCA, Edgard. **Literatura, Modernidade e História: o olhar do estrangeiro sobre o mundo colonial**. In: LUNHARDDT, Jaques, PESAVENTO, Sandra, Jatahy (orgs). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: UNICAMP, 1988. p.70.

FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopéia Paulista: letrados, instituições, invenção histórica 1870-1940**. São Paulo: UNESP, 2002.

GAMBIER, Emma González. **Dicionário de terminologia Literária**, [S.l. S.N.], 2001

GAY, Peter. **A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo. Companhia das Letras, 1988. V.1.

GOLDMAN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GRAHAN, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro 1860-1910**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GRAHAM, Richard. **Grã – Bretanha e o Início da Modernização no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

HUHNER, June Edith. **Emancipação do Sexo Feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940**. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Mulher Brasileira e Suas Lutas Políticas e Sociais 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

QUEIRÓS JUNIOR, Teófilo de. **Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1982.

MÉRIAN, Jean Yves. **Aluíso de Azevedo: vida e obra 1857-1913**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Instituto Nacional do Livro, 1988.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RUSEN, Jorn. “**La Historia Entre Modernidad Y Postmodernidad**”. In GALLEGU, José Andres (org) *New History, Nouvelle Histoire; Hacia una nueva historia*. Madrid: Actas, 1993.

SEVCENKO, Nicolau (org.). Introdução. In: **História da vida privado no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. V.3.

\_\_\_\_\_. **Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVEIRA, Célia Regina da. **Erudição e Ciência: as proelas de Júlio Ribeiro no Brasil oitocentista**. 2005. 240 p. Tese (Doutorado em História)- Universidade Paulista, Assis.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1965.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres na ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOUZA, Yara Lis S. F. Carvalho. **Sobre o Tipo Popular**. Texto Mimeografado.

VAINFAS, Ronaldo. **Micro História: os protagonistas anônimos da história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.